

## A Estranha POÉTICA Feminina III

*“...meu coração é uma nau com todas as velas pandas...”*

F. Pessoa

Lendo “A Beleza dos Restos” de Elizabeth Gontijo...

Não se pode dizer o belo, pois ele se insinua entre as palavras. Mas é como mulher, a mulher grega, que não se sabe se realmente existiu – Diotima – contada por Platão, é assim que Bebebe ensina como acontece sua gestação e parturição *da beleza dos restos*.

Sem lei e sem gravidade ela *pisa o chão do céu*. E se tomada ao pé da letra: suas saias brancas de chiffon se erguem enfunadas em velas, esvoaçam pelos cabelos e a fazem navegar aflorando o avesso do ser em suas palavras distraídas. Escala um espaço inédito; ignora o indizível em seu ofício de poetizar o silêncio.

Escolhe tecer em feminilidade véus escondendo a nudez, vai capturando o erotismo esparso entre suspiros, como que trazido de tempos longínquos da lenda secreta e excitante de uma antepassada.

Assim, como ao acaso, displicentemente, é levada a abandonar a pena e lançar-se no penar da escritura poética. Como quem pega um fio solto, caído, quem sabe de onde?-entretece, enlaça e enleia o cotidiano no sumo quente da paixão.

Freqüenta os hiatos do pensamento, da pele, dos sentidos... conjugando um verbo inesperado que desvela sua impotência: de perda em perda, vai construindo um caminho contorcido, desviante de pedra em pedra; e só por vingança, engana a linguagem que se nega a consolar o desejo da poeta. Esgueira-se pelos desvãos do não-dito, recolhendo cacós, insignificâncias, conseguindo, ao deslizar no tempo, desenhar o espaço de recompor perfumes, aragens, gosto e ritmo de Memórias que estariam perdidas se não fosse sua astúcia sorrateira ao olhar as frestas das coisas.

Sua palavra feminilizada contorna o impossível e traz para a boca no som e riso sutil – meio que às escondidas – uma vitória fragorosa, mas roupagem delicada e leve, sobre o jamais.

Belkiss Pandiá Guimarães

-Psicanalista-

Abril de 2011